



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

LÓGICA DE LOBO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Desenhos de Adolfo Castañé

COMPADRE Lobo era o bicho mais glutão ali dos montados.

Não tinham conta as ovelhas, carneiros e mais bicharia que o ladrão precisava para encher o bandulho!

Levava a palma a quanta raposinha ladrisca farejava os arredores!

Estas queixavam-se, amargamente, da concorrência que o maroto lhes fazia, pois, quando chegavam, já os pastores haviam mudado de rumo, para fugirem à perseguição do esfaimado lobo.

Um dia, certa raposeca manhosa, com ares de espertalhona, chegou-se a ele, e, toda hipócrita, insinuou:

— «Vocemecê, seu compadre, já pensou a sério, no grande mal que a sua vida, de pilha aqui, come acolá, vai espalhando pela bicharia das serras? Mais sem filhos, filhos sem pais, blasfemam contra o seu procedimento! Chamam-lhe coração de pedra, os cordeirinhos órfãos, balindo inconsoláveis pelas defuntas mãis ovelhas! Por causa da sua gula insaciável quantas famílias estão desgraçadas!

Pelas suas artes de malfetor vocemecê não terá a absolvição à hora da morte e grande castigo lhe está reservado!... — (e, revirando, o olho, num tom melífluo, continuou a sua arenga):

— «E, afinal, que precisava vocemecê para conservar bem tochadinho de carnes, com o pelo lúcido e assetinado, indício de boa saúde e bem estar?...».

O lobo, que tudo ouvira até ali com o ar pensativo das grandes ocasiões, agitou as orelhas e interrompeu-a escarninho:

— «Que precisava, comadrinha?...».

A essa pergunta respondo eu, num pronto! Uns poucos de anhos tenrinhos, umas poucas de ovelhas e carneiros suculentos...».

— «Qual! Qual! Bastava-lhe um arrátel e meio de carne para satisfazer o seu apetite!... E assim deixava em descanço os inocentes cordeirinhos mais as pobres ovelhas! Lembre-se, compadre,



dos seus meninos lobinhos que, lá no covil, agarrados à loba, sua senhora, também podiam ser vítimas dalgum animal de máus fígados e ruins instintos!»

Ao ouvir esta tirada patética, compadre lobo, comovido, levantou a pata sapuda, para limpar uma lágrima:

— «Na verdade, a comadrinha tem razão! Não há dúvida que sabe falar bem! Tocou-me na corda sensível!... Os meus meninos lobos! Mais lindos!... Mais bem criadinhos!... Não vejo eu outra coisa no mundo!...»

Pensativo, tornou:

— «O diabo é estarmos sempre a topar, no nosso caminho, com as rézes dos rebanhos da serra! Melhor fressura nunca provei! Mas é feio delito atacar os animaizinhos!... Isso é!... Vocemecê o disse!...»

Enternecido, numa voz desconhecida em bicho tam feroz, o lobo rematou:

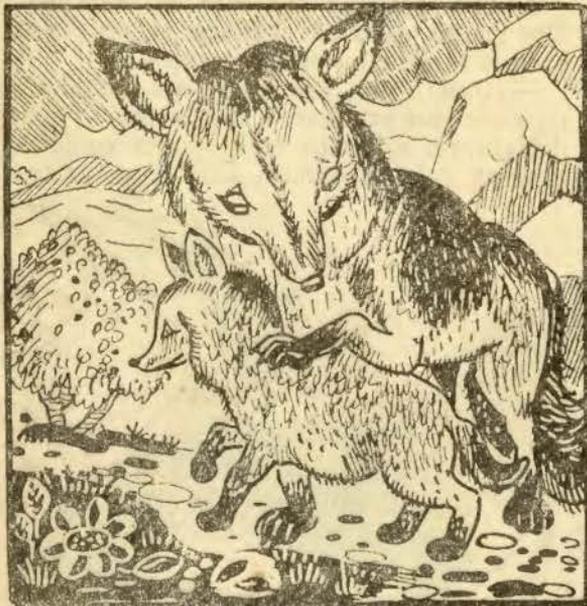
— «Está bem, comadrinha!

As suas palavras não caíram em cêsto rôto! Tratarei de mudar de vida! Nunca mais cometerei êstes abusos inqualificáveis!... Com que então, arrátel e meio de carne, é o bastante! Vocemecê, que o diz, lá sabe! E, adeuzinho, minha amiga, que se está fazendo tarde e a família espera por mim! Obrigadinho pela lição! Não caiu em cêsto rôto, fique certa disso, comadrinha!»

E o lobo afastou-se, corajoso na sua resolução e firme nos seus propósitos.

Por causa das más dúvidas, desceu ao povoado. Não fôsse o diabo nêgro, e lhe aparecesse pela frente alguma nêdio anhozinho!... Podia não ter mão em si!...

Que àquela hora da noite o estômago já digerira o almoço da manhã!...



Andou, andou, por dentro da mata que rodeava a aldeola.

Não lhe fazia conta topar com o bicho homem, mais com a sua espingarda caçadeira, terror dos lobos, lobinhos e lobões das cercanias.

Pelo caminho, ia ruminando, enquanto rofa, aqui e ali, tufos de erva fresca:

— «Fraco e desemxabido manjar! Não se me dá com o estômago... Se assim continuo fico com miolos de galinha!»



Mas, nisto parou.

Numa clareira, ao fundo da mata, avistára uma rapôsa com o seu rapozinho ao lado.

— «Parece-me a comadrinha que há pouco me pregou o sermão! Mas que menino tão anafadinho ela tem!...»

Pé ante pé, o lobo foi-se aproximando para se certificar se sempre seria a comadre Raposeca.

Efectivamente era ela, e o lobo quedou-se, admirando a mãe e o filho, que, muito roliço, era um regalo para a vista.

Os seus olhos gulosos não mais se puderam desviar dêles!

Com a baba a escorrer-lhe pela bôca, sinal da grande gula que sofria, olhava-os, numa tentação crescente, sem forças para se dominar, sem ânimo para reagir!...

Mas, lembrado da prelecção da raposeca, atenuando assim o desejo imperioso, ao qual não podia mais resistir, comentou ainda:

— «Foi ela própria que mo recomendou!... E de que maneira!...»

Sempre com os olhos fixos na raposeca, continuou:

— «Um arrátel de carne...»

Depois, contemplando, demoradamente, o tenro rapozinho, rematou:

— «Mais meio arrátel de carne... Não faltou ao prometido!...»

Foi então que caiu, de chôfre em cima dêles e lhes deitou a unha e a terrível dentuça...

O PAPAGAIO SALVADOR

Por ACILEGRA



MESTRE Anacleto Antunes, era negociante de objectos antigos, e barbeiro nas horas vagas. Esta última ocupação, rendera-lhe a tal ponto que já conseguira juntar, ao canto do baú, um bom «pé de meia» e comprar um «loiro» do Brazil, muito esperto, que todas as manhãs, logo que dava entrada na loja, lhe dizia:— «Bons dias, Anacleto!»

Mas a tal ponto a sua fortuna dera brado, que chegou aos ouvidos de dois ladrões, os quais pacientemente estudavam já a maneira de reduzir à expressão mais simples o tão célebre «pé de meia». E, enquanto elles estudavam, mestre Anacleto, descuidado, acolhia os seus fregueses—que eram numerosos—com o seu melhor sorriso.

para o «loiro», para o senhor Anacleto e... para o «pé de meia» que crescia a olhos vistos, a par da inveja dos fregueses e vizinhos.

Finalmente, uma noite, sem luar sem estrélas, obscurecida pelas nuvens que ameaçavam desabar sobre a terra do senhor Antunes, com todas as aparências de mistério, dois vultos, dois ladrões com certeza, entravam, surratamente, por uma das janelas da loja do senhor Anacleto. Sempre às escuras, encaminharam-se para um baú que se encontrava por baixo de uma mesa, o qual tentavam arrombar. De repente,—(ó espanto, e terror dos terrores!)—uma voz se elevou até elles! Cheios de medo, ouviram estas sinistras palavras:—«Vamos, não vos

fugir, jurando nunca mais se servirem senão dos seus «pés de meias», ou, melhor, com meias. E, se o seu correr não fôsse tão rápido, poderiam ainda novamente ouvir uma voz que, apesar de ensonada, dizia:

—«Não vos mexeis! Nem um só movimento, senão, corto-vos!»

Era o «loiro» que no seu palrar constante, inconscientemente, salvara o dono de um «furo» no seu rico «pé de meia!»

Agora digam-me, leitorzinhos: não merecia uma condecoração este herói que, sem o saber, bem digno era desta designação.

F I M



Ao mesmo tempo que ia negociando o melhor que podia os tais objectos valiosos pela sua antiguidade e que, segundo as más línguas, eram encontrados no lixo, ia-se preparando para fazer a barba a outro cliente. Entretanto, muito senhor de si, com ares de doutor, dizia sempre para o paciente:— «Vamos, não vos mexeis; não vos mexeis! Alto! Nem um só movimento, senão corto-vos!...»

O «loiro» ouvia atentamente as palavras do patrão e tão atentamente que até guardava dois minutos de silêncio, findos os quais, continuava a palrar. E assim, os dias iam passando

mexeis! Alto, nem um só movimento, senão corto-vos!

—«Querem matar-nos!»—disse um dos ladrões Ivido de terrôr. E, com receio que os matassem mesmo ali, ficaram mudos, quietos, aguardando os acontecimentos. As horas iam passando, e elles na mesma posição, alagados de suor!

Um dos ladrões experimentou um movimento; e, como não acontecesse novidade, experimentou outro, e outro, até que se viu, novamente, ao pé da janela. O outro seguiu-o. Chegados os dois aí, dum salto, encontraram-se outra vez na rua, o que lhes parecia impossível, e começaram a fugir a bom



CORRESPONDENCIA



Alberto Gonçalves de Pina:—Os teus desenhos estão muito engraçados e bem feitinhos mas não os podemos publicar por virem coloridos.

Diolinda Henrique Baixinha:—Os desenhos a lápis

também não dão boa reprodução. Manda outros o tinta preta.

Mateus de Oliveira:—Idem.

José Antonio Caixinha:—Idem.

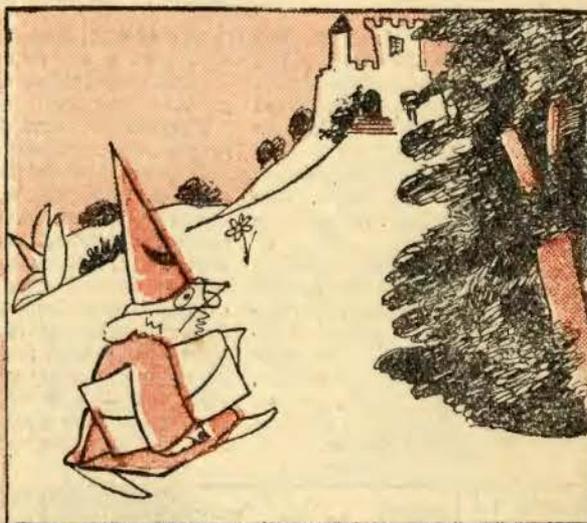
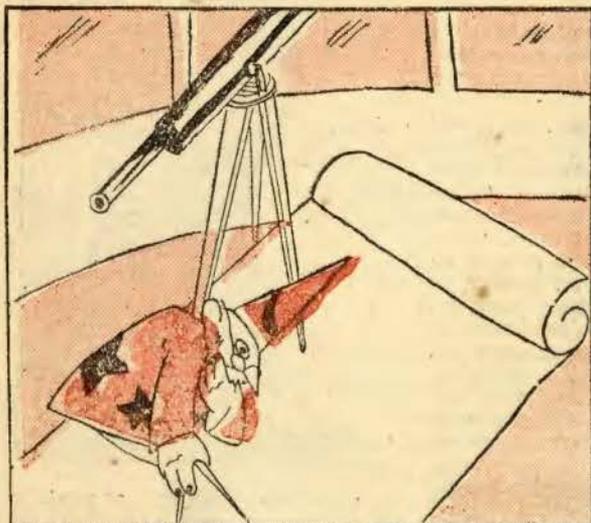
Lucila e José Maria:—O vosso conto é muito longo, motivo porque não pode ser publicado.

Fernandinho Pereira:—Podes mandar os enigmas e problemas a que te referes. Serão publicados se forem bons.

Vosso amiguinho
TIO PAULO

O SÁBIO ABU-FA-GUNDES

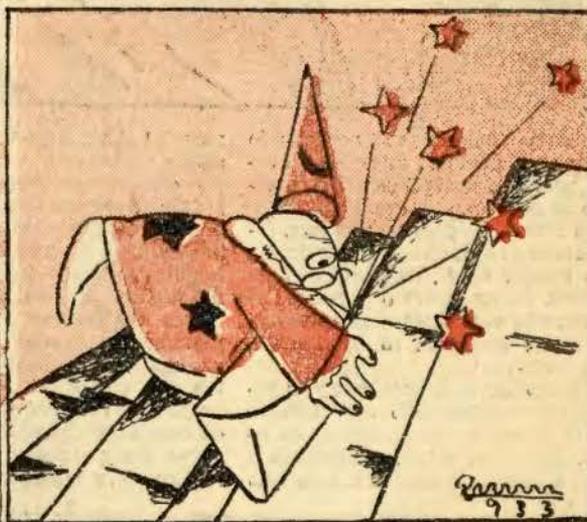
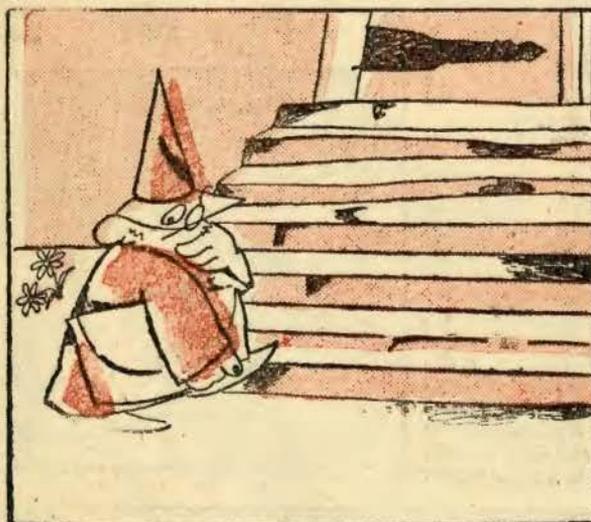
Texto de ZÉ DA VILA — Bonecos de QUIM



O sábio Abu-Fa-Gundes ganhara o hábito de ler desalmadamente a ponto dele, que era turco, ter aprendido o português para se recrear com a leitura do PIM-PAM-PUM. Nos intervalos dos seus negócios de amendoim torrado, Fa-Gundes dedicava-se aos estudos científicos e então era vê-lo a olhar, com uns olhos muito arregalados, por um óculo sem lentes para a celestial abóbada.

Certo dia em que andara, por casa duns amigos, na prova de vinhos, pareceu ao sábio que os pla-

netas estavam altamente escamados, sinal de que se ia dar uma catástrofe. Alarmado, com os seus dois cabelos a oscilar na escorregadia careca, pegou na colossal pasta de couro das Berlingas e pôs-se a caminho do palácio do Sultão Ali-Pra-Já, a-fim-de lhe comunicar que se ia dar uma catástrofe, a qual ele não sabia qual era nem que jeito tinha. Podia muito bem ser — calculava o nosso Fa-Gundes — uma dôr nos artelhos do sultão, uma galinha com sarampo ou, sabia-se lá, uma destas enxaquecas de repente com toda a fauna caseira.



Pensando assim, trepava o nosso sábio a velha escadaria de Ali-Pra-Já, antevendo a fidalga recepção que lhe ia ser feita, quando, de repente, tropeçou no esqueleto duma formiga e záz! A sua enorme penca foi esborrachar-se nos degraus com uma apoteose de impropérios.

— Maldição planetária — exclamou irado o sábio — Eis que se produziu a catástrofe!

E retirou-se para casa convencido que os planetas se haviam pegado à bordoadá só para lhe arranjar aquele catastrófico mergulho em seco, do qual tirou proveito o boticário Ali-Azar que levou uma lua a aplicar unguentos no venerável nariz de mestre Fa-Gundes.

■ F I M ■

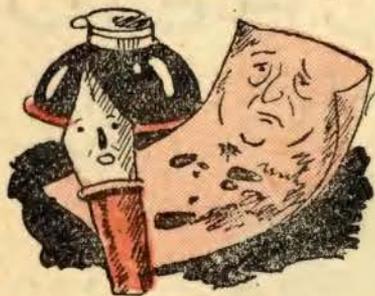


Por LAURA CHAVES

UM dia, na escrevaninha,
foi posta por qualquer mão,
uma fôlha bem novinha
de papel mata-borrão.

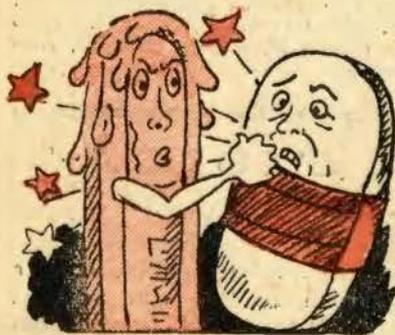
Ali, causou grande espanto
por ser fininha e mimosa,
uma beleza, um encanto!
Era tôda côr de rosa.

Nunca se vira outra assim
pois a velha que lá estava,
feia, suja e tão ruim,
para nada já prestava. —



A tez outrora rosada
sofrera mil dissabores,
ficara sarapintada
com borrões de várias côres.

Havia eterna rabuja
entre ela e o velho aparo:
— Você foi quem me pôs suja
com seus borrões, está claro!



— Está preta! Isso é que está! —
volvia-lhe êle a troçar,
— Ora, para que lhe dá!
Amiga, vá-se lavar! —

Então, lá, na escrevaninha,
tudo em constante laracha,
fez pouco dessa velhinha.
Até a própria Borracha,

a sua tão grande amiga,
com êsses malcriadões
arranchou também na intriga
e troçou dos seus borrões.



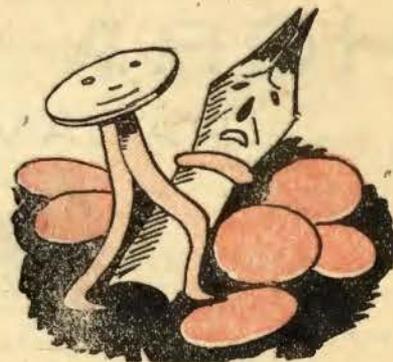
Ela, ao ver-se escorraçada,
por outra, assim, preterida,
ficou tão triste, coitada,
disse mal à sua vida.

Pôs-se a chorar, mas em vão!
Ninguém viu seu choro mudo!
Por ser de mata-borrão
chupou lágrimas e tudo.

A outra, a nova, a bonita,
reinava nos corações,
é armou-se logo uma, «fita»
pois suscitou tais paixões

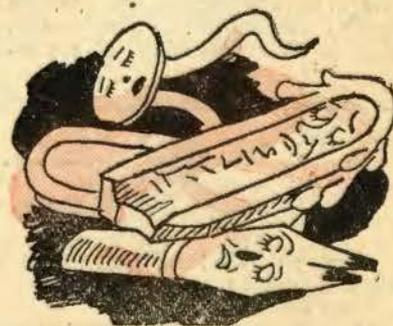
que até mesmo o Canivete,
um dia, com arrego, deu,
por môr dessa «coquette»
no Lápis azul um lanho.

Sua esposa, a Raspadeira,
vendô o marido faquista,
ruída de ciumeira,
ao saber dessa conquista,



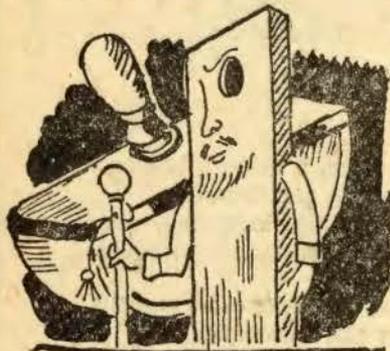
armou tamanha questão,
lá dentro da escrevaninha,
que os habitantes, então,
perderam todos a linha! —

Mesmo as senhoras Obreias
sairam da sua caixa
e chamaram coisas feias
à molengona Borracha.



Fiçaram quási sem bicos os aparos, todos tortos; o Lacre, feito em fanicos; cinco «attaches» meio mortos.

O gordo Pesa-papeis, com a Cola, derramado, disse coisas tão cruéis que ela caiu para o lado.



As Estampilhas, danadas, arregaçando as serrilhas, deram muitas bofetadas, — como boas estampilhas! —



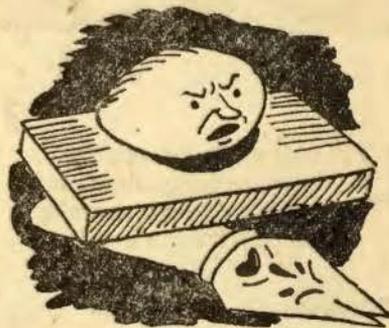
E só se ouvia gritar esta tremenda tolice: — Aos novos deem lugar! Abaixo! Abaixo a velhíce!

Se não empregasse a Régua a autoridade que tinha, nunca mais havia trégua dentro dessa escrevaninha.

O tempo acalmou a freima, foram passando as paixões, e a tal fôlha, a da toleima, foi-se enchendo de borrões!

E façam vocês ideia: a breve trecho ela estava já tão velhinha e tão feia como essa que não prestava.

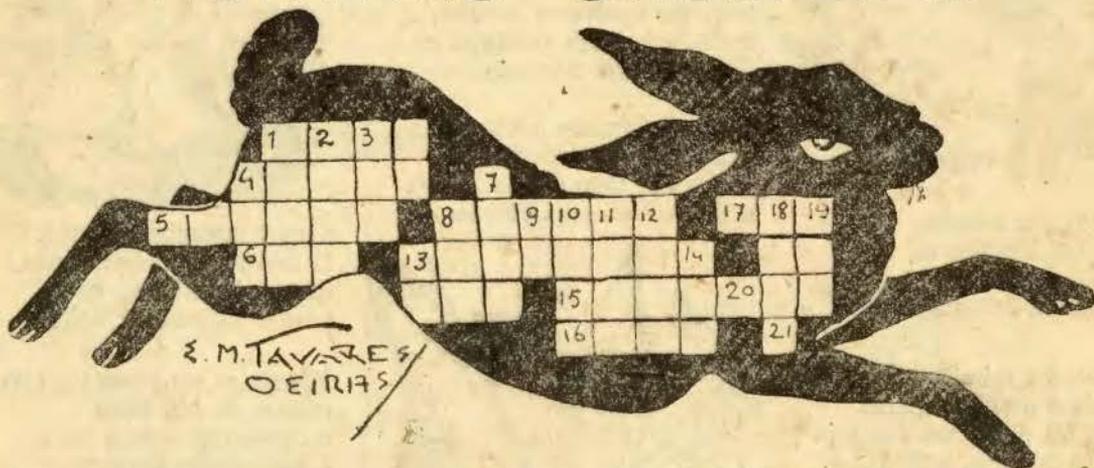
O' mocidade que és cega dá à velhíce carinho. Olha que só lá não chega quem ficar pelo caminho!



■ FIM ■

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS



E. M. TAVARES
O. EIRIAS

Horizontais: — 1, liquido; 4, pessoa de luto; 5, terra portuguesa (vila); 6, três vogais; 7, consoante; 8, animal roedôr; 13, terra portuguesa (vila); 16, aranha

grande; 16, animal perigoso; 17, nome de mulher; 21, consoante;
Verticais: — 1, nome de mulher; 2, tempo de verso; 3, fruto; 4, verbo ir; 7, tecido forte; 8, firmamento; 9, vogais;

10, letras da palavra (lacrau); 11, divisão do tempo; 12, figura geométrica; 13, parte do corpo humano; 14, divisão do tempo; 18, voz do gato; 20, consoante;

UMA EXPERIÊNCIA FISICA

Como furar uma moeda de cobre

Como podereis furar uma moeda de cobre com uma simples agulha?

Nada mais fácil.

Esta colocar a moeda sobre dois suportes e pôr-lhe em cima uma rôlha atravessada pela agulha.

Uma certa martelada sobre a rôlha, onde a agulha está perfeitamente nivelada com as duas superficies superior e inferior, e está feita a experiência.

ADIVINHAS PARA OS MENINOS COLORIREM

QUAL A COISA.

QUAL É ELA?...

I

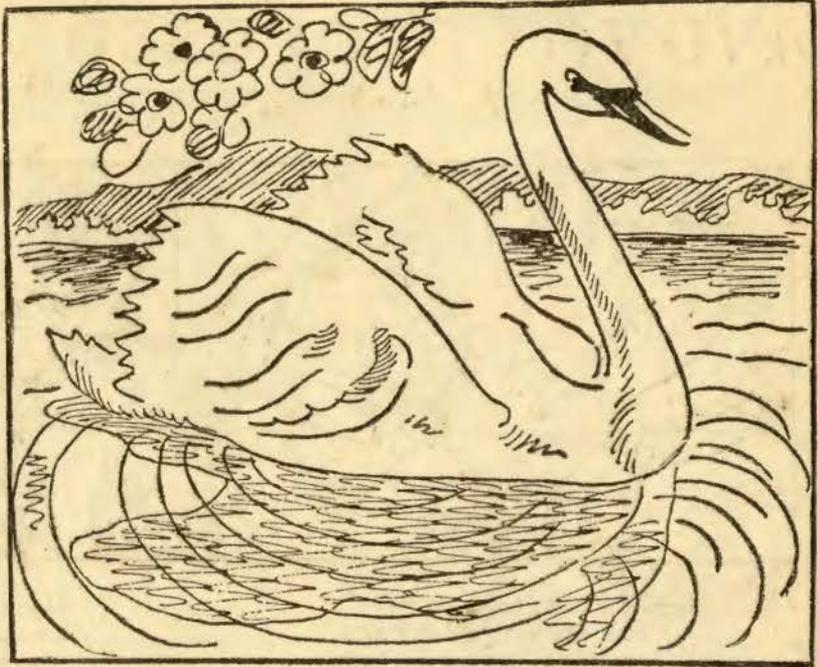
Tempo de um verbo trocista,
sou dos casacos parcela,
e uma fruta brasileira
saborosa e muito bela.

II

Com um R estou na testa,
e sem R estou aos lados;
faço parte das nascentes,
entre montes e valados.

III

Estou nas contas erradas
e em certos rachados pratos;
nas vielas, nos borralhos...
Sou inimigo dos ratos.



SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

- I — Escova
- II — Pinta

PROBLEMA CHARADAS COMBINADAS

UM SÍLABA



Meus meninos: — Este desenho, representando um sujeito a acender o cigarro, com a mão direita, está propositadamente errado. Vejam se encontram o erro.

- + ta — metal
 - + la — quadro
 - + to — cama
 - + mo — «bouquet»
- Conceito: — Suporte

- + da — Polícia
 - + do — Cubo
 - + da — Nirvana
 - + da — Corte
- Conceito — Pano de mesa

- + ro — argola
 - + to — ar em movimento
 - + o — pé de couve
- Conceito — resguardado

- + na — Nome de Mulher

- + dal — Objecto de costura
 - + co — Sem religião
 - + mo — Demónio
- Conceito — Nome de Mulher

- + gua — Terra portuguesa
 - + ta — Peçaço
 - + ma — Insistência
 - + la — Ave
- Conceito — Cortinado de pano

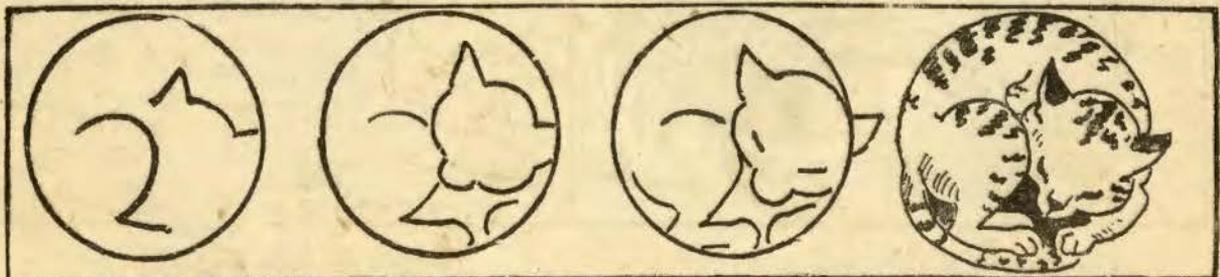
- + mo — alto
 - + fo — talher
 - + to — animal roedor
- Conceito — pequeno insecto

- + co — Repercussão de som
 - + que — Abano
 - + toche — Boneco
 - + la — Painel
- Conceito: — Animal quadrúpede

- + na — Cabelo de cavalo
 - + na — Nome de Mulher
 - + na — Vadiagem
 - + na — Terra portuguesa
- Conceito: — Pessoa

- + co — fecho
 - + ce — sorte
 - + to — cobertura
- Conceito: — móvel

LIÇÃO DE DESENHO



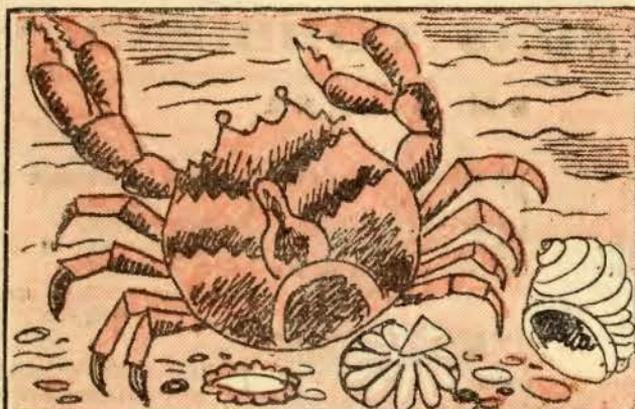
Como se desenha um «Tareco» em seu «Ó-O»

Novo processo de caçar

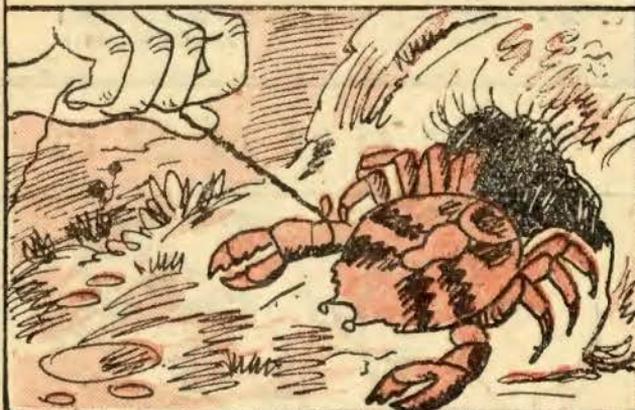


I — Zé Maria, ao conversar com seu amigo Adalberto, conta-lhe haver descoberto um processo de caçar.

II — Que já tem, na coelheira da sua Quinta de Arelhos, uma porção de coelhos caçados dessa maneira.



III — Mas que, para ter ensejo do processo utilizar, é necessário pescar ao menos um caranguejo.



IV — Depois, a uma guita prêso, e pôsto à entrada da toca, o caçador fica à coca e verifica, surprêso,

V — que ele volta triunfal, trazendo, por uma orelha, um coelho ou uma coelha... Não há furão que se iguale!